

## **A TRANSFERÊNCIA NO TRATAMENTO PSICANALÍTICO DO PSICÓTICO**

Marina Alvarez, (Programa de Iniciação Científica, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Vitor Vinturê Pezatti, (Programa de Iniciação Científica, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Viviana Carola Velasco Martinez (Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: ma\_alvarez\_@hotmail.com

A pesquisa, de natureza bibliográfica e conceitual, teve como objetivo abordar o tema da transferência na psicose, de modo a entender se este fenômeno é possível no tratamento de tal patologia, a partir do pensamento freudiano e de pensadores contemporâneos. Pode-se dizer que a importância de conhecer estes conceitos é necessária por Freud enfatizar em sua obra que a transferência não era possível no tratamento do psicótico, não havendo possibilidade de cura – o que é motivo de controvérsias hoje em dia, pois havendo avanço nos conceitos de transferência, assim como na definição de psicose, alguns autores contemporâneos consideram que há possibilidade de tratamento, em alguns casos. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico nas Obras Completas de Freud sobre transferência e psicose, e por fim, para um maior aprofundamento teórico utilizou-se autores contemporâneos que abordam a mesma questão. Neste sentido, o pensamento de Freud sobre o tema foi dividido em quatro períodos: o primeiro momento consiste em um período de despreocupação sobre a transferência no tratamento dos psicóticos; no segundo momento, Freud desacredita na possibilidade de uma clínica dos psicóticos; posteriormente, no terceiro momento percebeu-se um interesse pelo tratamento clínico dos psicóticos e, por fim, no quarto momento, Freud acaba por relacionar o pensamento psicanalítico e o delírio psicótico, de forma a aproximar a “normalidade” e a “psicose”. Em vista de refutar a ideia de Freud sobre a transferência impossível no tratamento do psicótico, utilizou-se o pensamento de Winnicott através dos autores Ribeiro (2005) e Naffah Neto (2010). Segundo os autores, a questão relevante no tratamento do psicótico não é se ele estabelece a transferência ou não, mas sim compreender a singularidade dessa organização. Assim, o analista neste contexto ocupa o lugar de sujeito na relação, em que o psicótico ampara-se para construir condições para sua existência. Ou seja, essa relação proporciona constantes desafios e novidades, e o analista deverá, ao mesmo tempo, acompanhar o psicótico e manter-se em seu lugar. Apesar dessa possibilidade de tratamento, não há possibilidade de cura. Percebeu-se que Freud a todo momento tenta estabelecer um “padrão” de tratamento psicanalítico, comum as patologias neurose e psicose. Porém, não há possibilidade de “padronização” do tratamento da psicose, assim como é possível na neurose, em que a transferência é sempre estabelecida e interpretada. Assim, para Freud, o estabelecimento da transferência não ocorre, logo não há tratamento. Entretanto, o mesmo afirma que há a possibilidade de análise dos delírios e alucinações assim como é realizado dos sintomas neuróticos, apesar dessa análise não ser interpretada para o paciente, pois o mesmo não tem recursos para elaborá-los. Já Winnicott diferencia a neurose de transferência e a psicose de transferência, afirmando então, que o indivíduo psicótico também é capaz de estabelecer uma transferência. Além disso, o autor afirma que é possível constituir um tratamento independente da transferência. Neste, o analista faria um papel de suporte para o paciente, como referência do mundo externo, não com objetivo de normalização do sujeito, e sim, de ajudar o mesmo a ser mais ativo nas relações.

**Palavras-chave:** Psicose. Transferência. Psicanálise.